



MUDARDEVIDA

jornal popular

25 Abril 2007 / Número ZERO

Basta!

Neste 33º aniversário do levantamento popular que selou o fim do fascismo, afirmamos: **mudar de vida está nas nossas mãos.** Um forte movimento de massas contra a ofensiva do capital poderá impor um novo rumo à política nacional.

Manifesto página 3

Greve nacional em todos os sectores a 30 de Maio

página 5

Mulheres do Vale do Ave

O desemprego alastra no Ave como uma epidemia e as primeiras vítimas são sempre as mulheres sem qualificações, que mal poliram os bancos da escola e saltaram directamente para o meio do cotão, das máquinas de costura ou dos teares. Nos centros de saúde da região a realidade da depressão, do desânimo e da angústia evidencia-se de forma preocupante.

Reportagem páginas 6 e 7



560 mil sem trabalho

Governo desmentido pelos números
Taxa real de desemprego acima de 10%
Entre os empregados, 595 mil trabalham em tempo parcial

A taxa de desemprego real está, desde final de 2006, acima dos 10%. Somando os inactivos disponíveis, os desempregados, os desencorajados de procurar emprego e os que trabalham menos de 15 horas por semana chega-se a um valor acima de 560 mil pessoas.

Acresce ainda que, entre a população empregada, 595 mil pessoas trabalhavam a tempo parcial, umas por opção, outras por não terem escolha. Se juntarmos estes últimos aos desempregados, o total sobe para 620 mil. Desde Dezembro a situação mostra tendência de subida. Perante os factos, o ministro do trabalho não teve alternativa senão reconhecer que “os números

do desemprego não são positivos”. Mas tentou minorar a questão repetindo que a economia apresenta sinais de “recuperação”; e que o reflexo disso “demora tempo”.

Mas com o fraco crescimento económico anunciado, e sendo sabido que a dita “recuperação” das empresas é feita sobretudo à custa de despedimentos, não se percebe como pode a tendência ser invertida. Segundo a CGTP, nos últimos dois anos foram destruídos 68.900 postos de trabalho. Quanto aos 150 mil novos empregos que Sócrates prometeu, nem sombra deles.



CONTACTO

Apresentação

Com este número zero, *Mudar de Vida* dá-se a conhecer. Trata-se de um número experimental, iniciando-se a saída regular a partir de **Setembro**. Os nossos propósitos estão expressos no estatuto editorial que a seguir se publica. Sem suportes financeiros, sem estrutura partidária que o apoie, *Mudar de Vida* depende inteiramente, desde a nascença, do acolhimento que encontrar.

A todos fazemos um apelo. Enviem-nos críticas e sugestões. Se se sentirem cativados, colaborem na divulgação junto de colegas, amigos, vizinhos. E se acharem que este projecto vale a pena, façam uma assinatura.

MUDAR DE VIDA é um jornal político popular. O seu objectivo é contribuir para que os trabalhadores e as camadas populares ganhem confiança nas suas forças próprias; encorajá-los a agir contra os atropelos aos seus direitos; dizer-lhes que mudar de vida depende da sua iniciativa política.

Opomos o trabalho ao capital. Opomos a liberdade e a independência dos povos ao imperialismo.

Combatemos todas as formas de obscurantismo, de desigualdade e de discriminação.

MUDAR DE VIDA procura romper o monopólio da informação oficial, dominada pelos grandes interesses económicos ou pelas forças partidárias que detêm o poder.

Rejeitamos a informação institucionalizada, obediente a centros de decisão, submetida a hierarquias, que filtra a opinião popular e a impede de se fazer ouvir de viva voz.

MUDAR DE VIDA procura estar ligado ao país e ao mundo.

Centramos a atenção nas condições de vida, nos anseios e nas lutas dos trabalhadores e das camadas populares. Damos prioridade aos mais oprimidos: o proletariado, a mulher trabalhadora, os imigrantes.

Somos uma tribuna de denúncia da exploração. Noticiamos a vida nas empresas e a actividade



sindical. Fomentamos a troca das experiências dos colectivos de trabalhadores e dos agrupamentos cívicos, de qualquer país, com o fim de incentivar a resistência, a iniciativa própria, a auto-organização e o apoio mútuo sem fronteiras.

Procuramos criar uma corrente de opinião activa contra as guerras de agressão, a dominação neocolonial, a destruição da natureza.

Incentivamos a solidariedade com os povos que resistem à opressão e defendem a sua independência e os seus recursos.

Damos importância a tudo o que na vida do país e do mundo - desde a actividade partidária à cultura ou ao quotidiano - seja espelho da oposição de interesses que marca as sociedades contemporâneas.

MUDAR DE VIDA está aberto a opiniões diversas sobre os assuntos que concitam o interesse do campo popular.

Fomentamos o debate e o confronto de ideias. Pomos de lado o academismo, o doutrinário, a frase fácil. O propósito é fornecer aos leitores chaves para o entendimento da realidade - ajudar a compreender a natureza da política dos governos e dos partidos do poder ocultada pelas querelas do dia-a-dia; ajudar a ver os interesses privados que se mascaram de interesse social ou nacional.

Queremos manter com os leitores uma permanente troca de ideias, suscitando a crítica, a correspondência e a colaboração individual e colectiva.

MUDAR DE VIDA é feito e divulgado por pessoas empenhadas nestes objectivos. O seu êxito depende dos apoios que ganhar. Tais apoios serão os elos de ligação da redacção ao país. Deles se espera também a colaboração permanente no envio de notícias, na crítica ao que for publicado, na organização de debates.

MUDAR DE VIDA é dirigido por um colectivo redactorial e publicar-se-á em dois suportes: página de Internet e papel. A página Internet terá actualização permanente. A versão em papel sairá, inicialmente, com periodicidade mensal.

Dos leitores

A retoma...

O meu marido está desempregado há 4 meses. É tipógrafo. Os patrões fecharam a empresa. Nem declararam falência nem cumpriram a obrigação de inscrever os trabalhadores no desemprego. Estão agora eles a tratar disso. Com 44 anos de idade não vai ser fácil ao meu marido encontrar novo emprego. Quando responde a anúncios querem sempre gente mais nova e aprendizes - não querem oficiais, para poderem pagar menos. A retoma, a retoma... O Sócrates garante que já aí vem. Mas a retoma deles, para nós, já vai em 4 meses sem salário.
Adelaide Santos

Défice

Li que o governo está muito contente porque o défice do Estado é de 3,8%. Não sei se devo ficar contente também porque não sei bem o que isso significa e não sei de todo em que é que o meu salário diminuiu, ou melhor, o que subiu foi o custo da vida. O pão aumentou, mais a água, a electricidade, a gasolina - tudo aumenta e o meu salário é sempre o mesmo. E ainda me devo dar por satisfeito por ter um salário, porque as trabalhadoras da Alcoa não têm nenhum. A propósito: qual é o défice delas e dos outros trabalhadores que vão sendo despedidos? 100% não?

Albano M. Sousa

Listas de espera

Ando à espera de uma operação a um joelho vai para três anos. Há dias, telefonaram do hospital dizendo-me para comparecer no dia seguinte. O médico, sem mais, perguntou se vinha preparada para ficar internada porque tinha chegado a minha vez de ser operada. Assim de chofre, disse que não estava preparada. Como não havia adiamentos, desisti e fui riscada da lista de espera. A meu lado tinha estado outra doente em situação semelhante. O médico disse-lhe que a operação seria num hospital de Badajoz mas a viagem era por conta dela. A senhora, sem posses, desistiu da operação. Assim não admira que acabem as listas de espera.

Luísa Martins

Azares

Avelino Pereira, operário há mais de 30 anos na fábrica têxtil JMA, em S. Martinho do Campo, morreu carbonizado num incêndio que se declarou na empresa ao tentar salvar o irmão José Pereira, de 48 anos, também operário na mesma fábrica. Este salvou-se e encontra-se internado com queimaduras de primeiro e segundo grau no Hospital da Prelada.

Notícias destas dizem sempre respeito a trabalhadores ou gente pobre. Será azar?

Vítor Coelho



Mudar de Vida

Redacção: Cristina Meneses, José Mário Branco, Manuel Raposo, M. Gouveia, Pedro Goulart.
Colaboradores: Ana Barradas, António Barata, Celestino Braga, Fernando Matos, Francisco Rodrigues, Luísa Nunes, Manuel Chico, Manuel Monteiro, Renato Teixeira, Vladimiro Guinot.

Apartado 75066 EC Calçada de Carriche
1750-999 Lisboa

jornalmudardevida@gmail.com

Assinaturas: 1 ano (12 números) - 15 euros

Contraste

Os operários da Pereira da Costa, Amadora, foram despedidos, viram a empresa fechada, foram agredidos pela polícia quando tentavam impedir a saída de bens da empresa. Rui Cartaxo, um dos novos gestores da REN indicado pelo Estado, saiu da administração da Galp Energia há menos de um ano com uma indemnização de 500 mil euros. O ministério das Finanças considera normal esta situação porque “não envolve empresas públicas”.

Desígnios nacionais

A construção do aeroporto na Ota vai custar muitos milhões de euros. Quem vai ganhar com isso? O comentário de Filipe Soares Franco, presidente do Sporting e da OPCA, uma das maiores empresas de construção civil, é esclarecedor. Disse ele que “há projectos que são desígnios nacionais”, referindo-se ao caso, acrescentando que as indecisões “são muito prejudiciais”. Por baixo da controvérsia sobre a localização do aeroporto (e bem assim do TGV), envolta em argumentos técnicos e financeiros, e até patrióticos, acontece uma coisa muito simples: uma guerra sem quartel dos grupos económicos que disputam os milhões em jogo.

Mais temporários

Em Portugal há centenas de milhares de trabalhadores temporários. Praticamente todos os jovens que têm um primeiro emprego trabalham sem vínculo contratual. Mesmo assim, o governo e o PS vêm agravar ainda mais a situação ao proporem um projecto-lei que permite às empresas, na prática, terem só trabalhadores temporários, quando, até agora, eram obrigados a ter pelo menos 10% de trabalhadores contratados sem prazo.

Carestia

O custo das refeições em cafés e restaurantes aumentou 8% entre 2004 e 2007. Por seu lado, o cabaz de produtos alimentares, considerado pelo INE para cálculo do índice de preços, subiu 5,8% entre 2005 e 2006, fixando-se em 44 euros, o mesmo valor absoluto que em Espanha. A subida destes preços em Portugal foi ainda, em qualquer dos casos, superior à que se verificou em França no mesmo período.

Morrer junto à praia

Um pescador morreu em Vila Praia de Âncora, em 2 de Abril, quando a embarcação se virou a 100 metros da praia. A morte de seis pescadores, também à vista de terra, ocorrida na Nazaré, em Dezembro, pelos vistos não serviu de nada. As autoridades encarregadas de socorrer estes casos mostram a mesma inoperância. Em pouco mais de um ano, morreram em naufrágios perto da costa 10 pescadores no continente e um em Porto Santo.

Basta !

Para mudar de vida, começar por correr com Sócrates

Manifesto do colectivo de *Mudar de Vida*

A grande manifestação nacional da CGTP no dia 2 de Março confirmou que os trabalhadores começam a estar fartos das mentiras e dos roubos deste governo. O ano novo abriu com aumentos dos transportes públicos, electricidade, água, pão, gasolina, rendas de casa, medicamentos, portagens, taxas moderadoras, agravamento do IRS e das taxas de juro. Cresce incessantemente o desemprego, congelam-se os salários, baixa o valor das pensões, enquanto os lucros batem todos os recordes e a farra dos ricos não pára.

Sócrates prepara novas “reformas” em benefício dos capitalistas. Quer adoptar a lei da “flexi-segurança”, para tornar os despedimentos mais fáceis e a disciplina do trabalho mais apertada. Quer despedir uma parte dos funcionários públicos e passar os restantes a tarefeiros, para com as verbas assim disponíveis oferecer mais favores e incentivos às empresas. Quer continuar a desmantelar os serviços de Saúde, da Segurança Social e da Educação, entregando-os à exploração do capital privado, como vulgares mercadorias. Quer reforçar a vigilância e as polícias para blindar o poder dos ricos contra os pobres.

Sócrates e o seu partido chamam “modernização” à oferta de bónus aos capitalistas. Chamam “fim dos privilégios” à destruição das conquistas conseguidas pelos trabalhadores no 25 de Abril. Chamam “justiça social” às esmolas às famílias mergulhadas na miséria. Chamam “realismo” à subserviência perante os governantes terroristas dos Estados Unidos e os magnates da União Europeia. Em nome da “solidariedade” enviam destacamentos de tropas para os países ocupados. Apesar do seu rótulo “socialista”, este é um governo do capital, em guerra aberta ao mundo do trabalho. Só há uma resposta à altura – **o povo tem que declarar guerra aberta ao governo.**

Não é isso que temos visto da parte do PCP e do BE. Condenam o governo, mas deixam sempre uma porta aberta a uma “mudança de política” que nunca chega. Se estão à espera que as “forças sãs” do PS moderem a política agressiva de Sócrates é tempo perdido – o PS está disposto a tudo para merecer a preferência das multinacionais e do imperialismo. Se receiam que a queda prematura do governo abra as portas ao regresso do PSD também não têm razão – um forte movimento popular de protesto será o melhor remédio para deitar abaixo o governo PS e impedir o regresso ao poder do PSD-CDS.



Anuncia a CGTP nova jornada de luta para 30 de Maio e novas mobilizações massivas para Julho e Outubro. Lá estaremos. Mas o movimento popular não ganhará capacidade ofensiva se continuar limitado a manifestações periódicas de protesto. É preciso passar à **resposta directa, taco-a-taco, a cada ataque do governo e do patronato. “Não consentimos!”** Foi o que fizeram nas últimas semanas os operários e operárias da Pereira da Costa, os populares de várias terras contra o encerramento dos seus hospitais, maternidades e centros de saúde, os utentes de transportes públicos que cortaram ruas e estradas em protesto contra a supressão de carreiras. Que a iniciativa saia do parlamento para as ruas e uma nova política será possível.

Neste 33º aniversário do levantamento popular que selou o fim do fascismo, afirmamos: **mudar de vida está nas nossas mãos.** Um forte movimento de massas contra a ofensiva do capital poderá impor um novo rumo à política nacional, fazer surgir novas correntes políticas, romper o actual quadro partidário. Como activistas que somos do movimento social nas mais diversas frentes, apelamos à concentração de todos os esforços na organização de lutas de resistência às leis infames deste governo, com uma palavra de ordem central: **Sócrates para a rua! Basta de governos dos ricos!**

25 de Abril de 2007

Despejo para turista não ver

As quarenta e sete pessoas que viviam no lugar do Bacelo, freguesia do Freixo, viram as suas casas destruídas depois de a Câmara Municipal do Porto ter decretado a insalubridade e a falta de segurança no local.

Há mais de vinte anos, dezasseis famílias de etnia cigana habitavam casas improvisadas localizadas num terreno cujo proprietário nunca reclamou desde a ocupação.

Quais as razões então do despejo e sequestrada demolição? Se a insalubridade e a segurança eram problemas, porque é que a Câmara não se dispôs a melhorar a situação, requalificando o espaço? A questão é que o acampamento, situado à entrada da cidade, é vizinho do local onde vai ser construído um hotel de luxo pelo grupo Pestana, e não constituiria uma vista agradável para os abastados turistas que ali vierem a instalar-se.

Promessas e mais promessas

Sob pressão destes interesses, o executivo de Rui Rio não teve sequer a decência de dar um destino digno às pessoas, nem se preocupou com as 25 crianças que frequentavam as escolas das imediações.

Durante todo o dia em que decorreram as demolições (23 de Março), com forte presença das forças policiais, várias foram as respostas dadas pelo poder à população. Que dentro de 60 dias haveria habitação social para todos; que havia a hipótese de ficarem num novo terreno com mais condições, não muito longe do local; que seriam hospedadas provisoriamente numa pensão da cidade. Enfim, a cada hora que passava, a Câmara Municipal do Porto, a Junta de Freguesia, o Governo Civil e a Segurança Social foram alternando as promessas em troca de civildade por parte das pessoas, procurando que estas não obstruíssem o trabalho dos funcionários da Câmara nem obrigassem as forças policiais a fazer horas extraordinárias.

Ao final da tarde, dois vereadores (Lino Ferreira e Matilde Alves) chegaram ao local, onde já só restavam as casas de banho, para garantir aos moradores mais uma versão da promessa e para mostrar aos telespectadores a insalubridade do bairro nos telejornais da noite.

A verdade veio a revelar-se bem diferente da difundida pelo poder político e pelos jornalistas.



A grande maioria das pensões e das residenciais contactadas pela Segurança Social recusavam-se, movidas pelo racismo, a receber os desalojados, pelo que houve necessidade de recorrer a cinco diferentes estabelecimentos hoteleiros. As assistentes sociais tiveram, assim, que separar pessoas das mesmas famílias para garantir tecto a toda a gente. Claro que, ao saberem que tipo de pensões e residenciais os havia aceite e os locais em que se encontravam, os moradores do Bacelo recusaram o afastamento, a distância da escola dos filhos, e a proximidade com práticas como a droga e a prostituição. Alguns preferiram dormir nas suas carrinhas, atulhadas com aquilo que puderam salvar das casas.

Noites ao relento

Perto da meia noite, ao circular pela cidade com um militante do SOS Racismo, pudemos testemunhar que ainda havia pessoas do bairro sem terem onde dormir, uma vez que vários dos estabelecimentos hoteleiros, apesar da garantia de pagamento por parte da Segurança Social, continuavam a recusar receber as pessoas. Mesmo perante as câmaras da RTP, um casal viu a porta da pensão Álvares Cabral ser-lhe fechada na cara. Como a Segurança Social não acompanhou cada uma das pessoas, é impossível determinar quantas não passaram essas e as outras noites que se seguiram ao relento.

A única preocupação de Rui Rio e do PSD da cidade do Porto foi com a vista desafogada dos turistas que um dia chegarão. Assim continua morto o artigo 65 da Constituição da República, que garante o direito à habitação.

Silêncio sobre os voos da CIA

O jornalista Rui Costa Pinto saiu do semanário *Visão* meses depois de a direcção lhe ter recusado a publicação de uma reportagem sobre os voos da CIA. O director da revista, Pedro Camacho, não explicou o porquê da rescisão do contrato com Costa Pinto, argumentando tratar-se de “questões internas”. Quanto à recusa em divulgar o artigo, Pedro Camacho disse que a investigação “não estava em condições de ser publicada”. Conhecendo-se a importância política do assunto e sabendo-se

que a Procuradoria-Geral da República foi informada da matéria investigada - inclusive porque o jornalista considera haver perigo para as testemunhas abordadas na sua reportagem - é no mínimo estranha a atitude da *Visão*. Censura interna? Conveniências políticas a salvaguardar? Pelo menos em termos objectivos, o manto de silêncio que todas as forças partidárias do poder lançaram sobre os voos da CIA vai-se estendendo à comunicação social. O que reforça a ideia de que o tema é barbudo.

Breves

Despedimentos em Ovar

Cento e vinte trabalhadores da empresa Montagens de Equipamentos Electromecânicos, Lda foram obrigados pelo patrão a meterem 15 dias de férias. Quando regressarem, receberão o “passaporte” para o despedimento colectivo, que pode atingir mais de 200 trabalhadores.

A CEML responsabiliza a sucursal portuguesa da Bobitrans espanhola, a SBPT, pelo fim da relação de sub-contratação que mantinha, há cerca de dez anos, com essa mesma sucursal. A SBPT, por seu lado, afirma que a culpa é do patrão da CEML, Artur Santiago. O Sindicato das Indústrias Eléctricas do Centro - contactado pelo nosso jornal, em 29 de Março, para saber a posição acerca da questão e o que tenciona fazer junto dos trabalhadores - informou, através de António Coelho, que procuraram sindicalizar aqueles trabalhadores mas que esse objectivo não foi alcançado. O sindicato só sabe do caso por dados recolhidos num jornal de Ovar.

Banca despede e lucra

Em 1996 a banca tinha, em todo o país, 4473 balcões e empregava 63180 pessoas. Em 2005 tinha 5533 balcões e 53180 empregados. Os lucros têm aumentado constantemente, de forma fulgurante, batendo recordes ano após ano.

Rapaz porreiro

Um agente da Brigada de Trânsito da GNR de Albufeira foi preso quando recebia 200 euros de um automobilista a quem “perdoara” uma multa de 500 euros. Acusado de extorção, o agente foi apanhado em flagrante devido à denúncia do automobilista. Comentário dos colegas do agente relatado pela imprensa: “Todos gostamos muito dele, é um rapaz porreiro. Ninguém desconfiava daquele colega nem se esperava isto”.

Leis e Doutores

A propósito das dúvidas sobre o grau académico do Primeiro-Ministro tem-se acusado a sociedade portuguesa de cultivar um apreço pelos doutores provinciano e sem sentido. Não se tem dito é que é o próprio Estado que, através de legislação, consagra o canudo como garante de competência. Tome-se o exemplo da Lei Quadro dos Institutos Públicos (Lei 3/2004). Exigindo ao pessoal dirigente uma licenciatura (nem sequer necessariamente adequada às funções a exercer), permite o absurdo de que um licenciado em veterinária possa dirigir uma instituição cultural e que essa possibilidade esteja vedada, por lei, a um intelectual ou artista de reconhecidos mérito, curriculum e perfil para o cargo, mas que não tenha um diploma universitário.



Fracos pretextos da UGT contra as greves de 30 de Maio

A UGT, pela voz do seu secretário-geral, João Proença, declarou que não vai apoiar as paralisações do dia 30 de Maio, convocadas pela CGTP. Não se pode dizer que seja uma surpresa. A UGT tem sido uma muleta do governo (não só deste) em momentos cruciais: aceitando acordos desvantajosos na Concertação Social, contemporizando com a lei Bagão, limitando a resistência a aspectos laterais da política do governo. Desta vez, João Proença afirmou que não há "objectivos concretos" para as paralisações anunciadas e atira com o argumento de que na base do apelo da CGTP estariam "dependências partidárias".

Que outros "objectivos concretos" precisa a UGT além dos mais de 10% de desempregados, da quebra constante de nível de vida dos assalariados, da crescente precarização do emprego, da pioria das condições de reforma, ou da degradação da assistência social? A questão é outra: Proença prefere manter as lutas em lume brando, no nível de pulverização que as torna fáceis de debelar. Com esta atitude, o que a UGT combate não é o governo nem o patronato: é a solidariedade e o apoio mútuo entre os trabalhadores.

E se há "dependências partidárias" na base do apelo da CGTP, que melhor meio para as anular senão fazer do 30 de Maio uma jornada unitária do maior número de trabalhadores possível, independentemente das cores partidárias que tenham? Só a "liberalização dos despedimentos", disse ainda João Proença, poderia levar a UGT à greve geral. Mas isso é uma promessa para o dia de São Nunca, como é fácil de perceber. Primeiro, o governo evitará apresentar abertamente a questão dos despedimentos na forma de "liberalização"; fá-lo-á sempre por caminhos oblíquos, passo a passo. Segundo, mesmo que o governo avançasse de forma desabrida, nessa altura, pelos métodos da UGT os trabalhadores estariam desamparados e incapazes de fazer frente às medidas. É o que tem sucedido com as repetidas ofensivas legislativas, precisamente porque o grau de organização colectiva e de solidariedade entre os trabalhadores é ainda fraco. Passar, sempre que possível, das lutas sectoriais às lutas generalizadas é o caminho para o movimento sindical ganhar novas forças. É este o caminho que a UGT recusa. Com fracos pretextos.

Tragam o descontentamento para a rua!

Jornadas de luta a 1 e 30 de Maio

O Conselho Nacional da CGTP convocou para 30 de Maio uma jornada de luta em todo o país envolvendo todos os sectores laborais. Não fica excluída nenhuma forma de luta. A greve deve ser assumida em cada local de trabalho e preparada desde já, nos seus objectivos e na forma de se realizar, por reuniões de delegados sindicais e activistas.

Para para o pleno êxito desta jornada de luta, que terá nas manifestações do dia 1 de Maio a sua primeira expressão, é fundamental a iniciativa dos trabalhadores a partir da base, independentemente de ocuparem ou não cargos na estrutura sindical. Plenários amplamente participados são a chave para grandes mobilizações tanto a 1 como a 30 de Maio.

Razões para descontentamento não faltam. Desde a ofensiva desencadeada com a Lei Bagão e prosseguida de modo ainda mais metódico pelo governo de Sócrates, os trabalhadores estão confrontados com um ataque sistemático da parte do patronato e dos seus gestores políticos que não tem limites à vista. Como todos sentem, a capa das reformas e do equilíbrio das finanças públicas serve para eliminar direitos e rebaixar o nível de vida da grande massa trabalhadora. O propósito é fazer recuar a existência do operariado, em primeiro lugar, e de praticamente todos os assalariados, a condições de existência que são inaceitáveis.



Tudo em nome da melhoria da "capacidade competitiva" do capitalismo em Portugal.

Razões para trazer o descontentamento para a rua também não faltam. Está, na verdade, lançada uma guerra de classe do capital contra o trabalho que se centra na destruição das conquistas obtidas nos primeiros anos após o 25 de Abril, quando a massa trabalhadora esteve na ofensiva e fez valer os seus interesses contra um patronato enfraquecido. Travar o patronato e o governo exige dos trabalhadores mais determinação e lutas de maior amplitude. A solidariedade de uns para outros, o apoio mútuo, desempenha um papel decisivo. Os sinais positivos das manifestações de Outubro e de Março precisam de ser confirmados em Maio.

Pereira da Costa deve 3 milhões aos trabalhadores

A Pereira da Costa era uma grande empresa de construção civil, sediada na Amadora. Chegou a empregar mais de dois mil trabalhadores. Por rapina e incompetência dos antigos donos entrou em crise e num processo de falência.

Ultimamente, só 140 trabalhadores estavam no activo. Como tem instalações e maquinaria valiosas, despertou o interesse de muitas aves de rapina. Uma destas, o eng. Luís Moreira, conseguiu apoderar-se da Pereira da Costa. Para a salvar? Não. Criou uma empresa paralela, a Pereiradacosta Lda, em que são sócios gerentes ele próprio, o filho e um sobrinho, com o objectivo de transferir para lá os bens da PC, instalações e maquinaria.

Em 12 de Novembro, pressionado pelos trabalhadores, que questionavam as manobras dele e reclamavam os seus direitos, o novo patrão abandona a empresa levando alguns trabalhadores para Lisboa (os administrativos) e para Ramada (alguns operários). Mas antes de sair



despede 93 trabalhadores. São estes que decidem cercar, noite e dia, as instalações da empresa para evitar que o patrão retire a valiosa maquinaria, única garantia de receberem os salários em atraso, cerca de três milhões de euros.

No dia 12 de Março deste ano, um oficial de justiça do Tribunal Judicial da Amadora, acompanhado de forte aparato policial, dirigiu-se à empresa para transferir as máquinas, como queria o eng. Luís Moreira. Os trabalhadores opuseram-se e a polícia carregou sobre eles, prendendo um delegado sindical.

Entretanto, o Tribunal de Trabalho de Lisboa, contrariando o Tribunal Judicial da Amadora, procedeu no dia 13 de Março à "penhora de bens da empresa como garantia dos créditos devidos aos trabalhadores". Estes continuam a cercar as instalações.

As mulheres do fiar e do tecer

A vida da maioria das mulheres do Vale do Ave perde-se por entre o emaranhado dos fios da têxtil e das confecções. Tece-se de canseiras permanentes e salários de miséria. Estampa-se em rostos cansados, deprimidos e ameaçados de desânimo, angústia e incertezas.

Maria. O sorriso morre-lhe nos lábios às primeiras falas. Contorce-se quando lembra que dois filhos foram arrancados aos bancos da escola e obrigados a ser sustento da família. «Nunca imaginei, nunca...», desabafa, enquanto recorda o sonho acalentado de dar aos seus o que lhe tiraram na infância.

«Fui para a fábrica com a terceira classe mal feita, num tempo de fome e miséria, mas sempre quis um futuro melhor para os meus... sempre». Porém, o desemprego urdiu-lhe um desfecho diferente.

Com uma ironia cruel, a pior história parece que se repete. Por estes dias, o desemprego alastra no Ave como uma epidemia e as primeiras vítimas são sempre as mulheres sem qualificações, que mal poliram os bancos da escola e saltaram directamente para o meio do cotão, das máquinas de costura ou dos teares.

46 mil desempregados

Sem qualificações na bagagem, com idade avançada para nova oportunidade de emprego e novas demais para ingressar na reforma, muitas mulheres do Vale do Ave fazem das tripas coração para sobreviver. No total, mais de 46 mil pessoas estão inscritas nos centros de emprego da região, com o concelho de Guimarães a destacar-se no ranking. E o desemprego «é um luto, uma dor de alma, com implicações familiares e sociais, que só passa quando se consegue vencer».

No Vale do Ave há realidades que chocam. Há vidas de mulheres que atordoam. Recentemente, 250 empresas faliram em cinco meses e muitas mulheres sem emprego, com despesas para pagar, foram obrigadas a prostituir-se. Outras são mulheres que continuam a trabalhar nas fábricas, mas com salários de miséria e que durante a noite se prostituem para poderem aumentar o rendimento familiar. A duplicidade de vida não constitui surpresa para o coordenador da União dos Sindicatos de Braga. «São desempregadas ou trabalhadoras em situação muito precária, salários baixos e em atraso, que se habituaram a fazer quatro e cinco horas de trabalho extraordinário, que agora não



Canudos ao alto. Velhas e altas chaminés, os “canudos” na gíria popular, localizam na paisagem do Vale do Ave os santuários de um trabalho persistente que tem envolvido, directa ou indirectamente, a maioria da sua população.

têm», justifica Adão Mendes. Por isso, explica, «através de esquemas e da cumplicidade de colegas de trabalho, organizam-se para ir para aqui e acolá. Também há pessoas sem escrúpulos que levam as operárias para certas zonas e casas», acrescenta. Adão Mendes conta ainda que «na maior parte dos casos, as mulheres se prostituem sem o conhecimento das famílias, mas há situações em que os maridos até colaboram».

Muita pobreza encapotada

No Ave também existe a triste realidade da mulher-a-dias que não chega a ganhar o salário mínimo nacional e que, com o marido desempregado, procura alimentar três, quatro e às vezes mais filhos. Por aqui, também se

encontram jovens de cafés e restaurantes a trabalharem dez a doze horas por dia para auferirem um salário sem futuro que, em valor líquido, não chega ao salário mínimo nacional. E também existe muita pobreza encapotada. As ajudas de estruturas municipais em cabazes alimentares estão sempre a disparar, mas «tudo tem que ser feito com muita discrição, mantendo sempre a dignidade das pessoas», justificam os autarcas.

Recentemente, num encontro de mulheres democratas, em Guimarães, promovido para avaliar os contornos e efeitos do desemprego na região, uma das participantes desabafou: «lutei por um Portugal mais igual, mais fraterno e mais solidário, mas começo a esmorecer e a pensar se valeu a pena».



A realidade do Vale do Ave em números

17 282 empresas

Segundo dados do INE, em Dezembro de 2003 estavam sedeadas na região mais de 17 mil empresas, das quais cerca de 57%, sensivelmente 9 800 empresas, pertenciam ao sector terciário. Apenas 2,6% (450) eram do sector primário.

651 626 habitantes

Em 2003, segundo o INE, residiam nos dez concelhos do Vale do Ave mais de 651 mil pessoas.

46 136 desempregados

Segundo os últimos dados oficiais disponíveis, em Fevereiro último estavam inscritas nos centros de emprego da região mais de 46 mil pessoas. Só de Guimarães eram cerca de 12 mil desempregados.

Mono-indústria dominante e produção a baixo custo

Antigamente, nas terras da Bacia do Ave dizia-se que a tecelagem era «parte integrante da educação das jovens», constituindo o tear «as arras do casamento das filhas», pois «casa que não tenha um tear ou é de fidalgo ou é casa onde a miséria entrou desapiedadamente». Depois, o capitalismo penetrou pelos «carreiros da industrialização» ao longo dos rios Ave e Vizela, impondo uma mono-indústria dominante e uma produção a baixo custo, sem investimento significativo a nível tecnológico. Foi assim durante anos. Uns fizeram fortuna, outros foram explorados. A maioria das mulheres do Ave sempre andou de volta dos panos e dos maridos. Foi duplamente submissa.

Os patrões do Vale do Ave sempre tiveram nas operárias a manutenção da mão-de-obra disciplinada e submissa, com baixos salários. Os diferentes regimes políticos sempre apararam este «jogo de exploração», em prol de todos os interesses, menos o das mulheres e das famílias da região.

«A indústria têxtil acabou por ser uma indústria com pouco efeito estruturante sobre o processo de desenvolvimento, embora fosse muito significativa em termos de mercado de emprego» nos tempos áureos, resume Jorge Fernandes Alves, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, no estudo «Perspectiva Histórica da Indústria Têxtil a partir do Vale do Ave».

Graves problemas sociais e psicológicos

Ana Paula Marques, directora do Departamento de Sociologia da Universidade do Minho, resume que o «desemprego é uma provação», sendo «causa de pobreza e gerador de rupturas sociais». Com efeito, o desemprego crescente no Vale do Ave fustiga as famílias e está na origem de um cada vez maior número de conflitos.

O alerta é lançado na sequência de diagnósticos aos principais problemas sociais dos concelhos de Famalicão, de Guimarães e de Santo Tirso. Nos centros de saúde da região a realidade da depressão, do desânimo e da angústia evidencia-se de forma preocupante. Médico de profissão e vereador da CDU na Câmara de Guimarães, Salgado Almeida tem feito carreira junto das classes mais carenciadas da região e não hesita estabelecer o nexo de causalidade entre a procura do médico de família e o aumento do desemprego. «As pessoas queixam-se sobretudo de perturbações do foro psiquiátrico, depressões e ansiedade, associadas às novas situações de vida, em que o desemprego é, de

facto, o problema maior», explica. Outro dos motivos que levam cada vez mais utentes aos centros de saúde e aos gabinetes dos médicos de família do Ave prende-se com a resolução de problemas laborais e diferendos. As mulheres jovens são as mais afectadas. Os homens - «ou porque fazem de conta, ou para mostrar um pouco que resistem mais à situação» - só recorrem ao apoio médico «quando já se encontram mesmo muito mal e sem alternativas» no horizonte. Ao contrário, elas «entram no consultório e pedem baixas, e expõem todos os argumentos, ou porque não suportam as pressões a que são sujeitas nos locais de trabalho ou porque têm salários em atraso e a empresa ameaça encerrar», afirma Salgado Almeida. As mulheres doentes que a mono-indústria do Ave produziu evidenciam alterações de comportamento, tristeza, perda de vontade de viver, de lutar e de superar os obstáculos, perda da auto-estima e, nos casos de maior gravidade, tentativa de suicídio.

Casal das Figueiras, Setúbal

Casas para todos por acção dos moradores

Quando nos arredores de Lisboa e no Porto as câmaras municipais destroem barracas sem dar resposta à necessidade de habitação das populações, vale a pena conhecer uma história antiga em que a iniciativa dos moradores de um bairro de barracas resolveu o assunto.

Na Serra do Viso, a poente da cidade de Setúbal, nasceu há mais de um século o bairro do Casal das Figueiras. Famílias operárias ligadas à indústria conserveira e gentes da pesca começaram por levantar as primeiras barracas que, ao longo de décadas, se foram multiplicando.

Pessoas muito pobres que, para ganharem o sustento, dependiam do estado do mar. Quer os pescadores, quer as operárias e operários conserveiros, só tinham trabalho durante pouco mais de seis meses no ano. Nas fábricas conserveiras, o trabalho dependia da chegada dos barcos, o que frequentemente acontecia de madrugada. Então, as sirenes tocavam, e os operários dirigiam-se às fábricas para iniciar o trabalho, sem saberem quantas horas ia durar. Tinham de descarregar o peixe dos barcos, transportá-lo para a fábrica, desbarrigá-lo, cortá-lo e embalar-lo. Era um trabalho penoso e escasso – Outono e Inverno eram sinónimos de fome e de miséria.

Um sonho antigo

Muitas destas mulheres e homens lutaram contra o regime fascista. Quando a liberdade foi conquistada com o 25 de Abril, avançaram para a concretização de um sonho antigo: ter uma casa condigna. Criam a comissão de moradores do bairro e começam um levantamento das necessidades dos habitantes. Contam as famílias e o número de pessoas por família, fazem um inventário dos moradores por idade e sexo. Classificam as barracas pelo estado de conservação, estabelecem uma ordem de prioridades para atribuição de casas e passam à acção.

Dirigem-se à Câmara Municipal, decididos a acabar com as barracas. Em 1975 aderem ao processo SAAL (Serviço de Apoio Ambulatório Local) e apresentam um projecto de construção de 312 habitações. Parte dos terrenos são expropriados, pela Câmara, a gente como o duque de Palmela.

Contraem um empréstimo através do Fundo de Fomento da Habitação. Depois de muito empenho, as primeiras casas são entregues em 25 de Abril de 1984. Contrariamente ao que tem sucedido nos arredores de Lisboa e recentemente no Porto, só quando uma casa nova era entregue é que a barraca correspondente era destruída.

Hoje não existe uma única barraca no bairro. E está em preparação o arranque da segunda



fase que procura responder às necessidades das novas famílias entretanto criadas. São mais 150 casas, além daquelas 312.

Todas as habitações e o terreno são propriedade da associação de moradores. Não é permitida a venda das casas, mas admite-se a permuta entre sócios.

No bairro há ainda duas escolas e equipamento recreativo e desportivo onde os moradores realizam festas e comemorações. Não há registo de conflitos raciais ou outros. Todas as questões da vida colectiva são discutidas e resolvidas pelos moradores em reuniões plenárias.

Apesar disto, a vida de muita gente do bairro tem sido difícil. Com o desemprego a crescer, as pessoas não têm onde buscar dinheiro nem para o sustento nem para a quota. Mas nenhuma família foi despejada por falta de pagamento atempado. A Associação assumiu, nestes casos, os pagamentos em atraso, com fundos da exploração de um bar e de outras iniciativas, e a ajuda dos restantes moradores. Hoje está tudo pago. A solidariedade nunca foi uma palavra vã nesta comunidade.



Texto resultante duma conversa com os directores da Associação, Carlos Jesus (presidente), Henrique Santos (vice-presidente), Alfredo Alves, Afonso Alves e Tio Carlos (membros da direcção), todos operários.

Mortes nas cadeias

Portugal é dos países da Europa com mais mortes na prisão. De acordo com um estudo do Conselho da Europa, ficou em quinto lugar num conjunto de 44 países com uma taxa de 59 mortes por cada 10 mil presos. Em termos absolutos, em 2004 morreram nas cadeias portuguesas 80 pessoas e 93 em 2005, num universo de mais de 13 mil presos. Segundo o mesmo estudo, 22 das mortes de 2004 foram dadas como suicídios.

Roubar imigrantes

Uma advogada de Barcelos está presa acusada de pertencer a uma rede de corrupção que legalizava imigrantes a troco de elevadas quantias. Mais 14 pessoas faziam parte do grupo, entre elas quatro inspectores do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, um inspector da Inspeção Geral do Trabalho, seis empresários que passavam contratos de trabalho falsos e ainda outro advogado assistente da Universidade Lusíada. Os valores cobrados variavam entre mil e 3 mil euros a cada imigrante, em grande parte mulheres vivendo da prostituição. A dita advogada, que terá lucrado mais de 300 mil euros em cinco anos de actividade, foi fundadora do Partido da Nova Democracia, de Manuel Monteiro e candidata às legislativas em 2005. Não é só o PNR, como se vê, que maltrata os imigrantes.

Direito policial

A PSP da Amadora está sob investigação por questões de droga. Ao que se sabe, uma comissária, uma chefe e uma agente principal desviavam estupefacientes apreendidos em rusgas, e utilizavam-nos, depois, para incriminar pessoas suspeitas de narcotráfico quando estas não tivessem consigo quantidades que justificassem a detenção. A droga desviada era então acrescentada como se estivesse na posse dos detidos. Elementos da PSP da Amadora que denunciaram o caso foram castigados pela cadeia hierárquica.

Apesar de tudo isto, a investigação deverá ser retirada da alçada da Polícia Judiciária e entregue à própria PSP, com o argumento de “não estarem em causa grandes quantidades de droga nem se suspeitar da existência de uma associação criminosa”, como disse à imprensa uma fonte policial. Mesmo sabendo-se que cidadãos terão sido incriminados com provas forjadas e que agentes foram castigados por denunciarem a ilegalidade, o *Diário de Notícias* de 12 de Abril dizia que “o caso parece menos grave do que à partida se pensava, pois não se suspeita que a droga desviada fosse comercializada ou consumida”. Moral da história: desde que não façam negócio ou consumam a droga que apreendem, os agentes policiais podem incriminar quem quiserem mesmo violando a lei; e os que a isso se opuserem serão castigados. Chama-se a isto defender o Estado de direito...policial.

Sarkosy-Le Pen

“Eu sou levado a pensar que as pessoas nascem pedófilas” e que as tendências suicidas “são genéticas”, disse, numa acção de campanha para as presidenciais francesas, o candidato da direita Sarkosy. Por seu lado, Le Pen, candidato neofascista, num debate no Instituto de Ciências Políticas de Paris, recomendou que para evitarem as gravidezes indesejadas as mulheres se masturbem. Não é a verdade ou a inverdade científica que está em causa na afirmação de Sarkosy: é o programa político que daí emerge. Sarkosy sugere que, não havendo tratamento para os “males”, dado o seu carácter “genético”, só a repressão pode ser eficaz. Foi o que ele, como ministro das polícias, fez com os jovens amotinados dos arredores de Paris e das grandes cidades de França (todos eles, “geneticamente desordeiros”, pela teoria do candidato). Sarkosy quer ganhar votos e apoios no terreno de Le Pen e avança pelo caminho aberto pelos neofascistas. Pode roubar-lhe votos, mas dá mais um empurrão para a direita na política francesa. Nem mesmo Ségolène Royal, candidata do PS, resistiu à onda, afirmando que todos os franceses deviam ter a bandeira nacional em casa e aprender o hino.

Quanto a direita e a extrema-direita, pelos vistos, estão bem servidos os eleitores franceses.

Blair no seu melhor

Os 15 marinheiros britânicos presos em águas territoriais do Irão reconheceram repetidamente que tinham violado a fronteira. Depois de libertos, deram o dito por não dito, justificando-se com a pressão a que terão sido sujeitos. Numa insistente campanha que mobilizou toda a comunicação social, o governo de Blair tentou apagar o efeito das confissões transmitidas pela televisão iraniana, espalhando novidade de que as declarações dos marinheiros, afinal, continham “mensagens codificadas” destinadas a transmitir informações ao governo. Mas a cadeia de TV Sky News estragou o esquema ao revelar que os militares levavam efectivamente acções de espionagem, procurando obter informações junto dos pescadores situados na zona fronteiriça. A Sky News disse mesmo que sabia do assunto desde antes da detenção dos marinheiros, só não o tendo revelado para não comprometer as autoridades britânicas. Num esforço para dar a parecer que ganhou a parada, Blair jurou que não fez quaisquer concessões aos iranianos, o que, a ser verdade, tornaria muito estranha e sem explicação a súbita decisão de Teerão em libertar os presos. Na realidade, sabe-se que parte das concessões foram feitas pelos norte-americanos. Dias antes da libertação dos marinheiros, com efeito, soltaram Jalal Shara, secretário da embaixada do Irão em Bagdad, detido desde Fevereiro, e permitiram ainda que fosse prestado apoio consular a cinco diplomatas iranianos sob custódia dos EUA no norte do Iraque.

Primeira volta das eleições presidenciais em Timor

Amplo apoio popular à Fretilin

No final da primeira volta das eleições presidenciais, o candidato da Fretilin Lu-Olo (na foto com Alkatiri) ficou à frente com perto de 29% dos votos, contrariando as expectativas alimentadas pelas forças, internas e externas, portuguesas incluídas, que procuram arredar a Fretilin do poder.

Ramos Horta, -que australianos e norte-americanos apoiaram, obteve 22%, e o candidato do Partido Democrático menos de 19%, não se sabendo ainda, de momento, qual deles disputará a segunda volta. À medida que esta dúvida se acentuava, Ramos Horta dava sinais de querer impugnar as eleições, contra a opinião dos observadores da União Europeia e da ONU, que declararam o escrutínio livre e justo. A Fretilin mostrou ter o apoio do povo timorense que vê nela o partido da resistência ao colonialismo português e indonésio, e também a força que se opõe, agora, à ofensiva do capital australiano. Poucas semanas antes das eleições, Mari Alkatiri, então primeiro-ministro e secretário-geral da Fretilin, foi ilibado da acusação de distribuir armas a civis, precisamente o pretexto que levou ao seu afastamento de chefe do governo.

A execução deste golpe de Estado (pois é disso que se trata), contra um governo que dispunha de legítima maioria parlamentar, foi levada a cabo pelos estrategas do imperialismo – por partes. Primeiro, o presidente Xanana Gusmão dividiu

o governo em “bons” e “maus” ministros, forçando a demissão dos últimos. Depois, ajudado pela Procuradoria da República e pelo amigo dos EUA Ramos Horta, assim como pelos militares australianos, por alguns reaccionários civis e por ho-



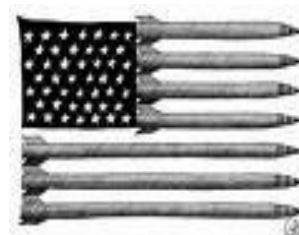
mens da Igreja católica, forçou a demissão de Alkatiri. Para o seu lugar, Xanana nomeou Ramos Horta. Alkatiri tinha-se tornado um obstáculo às ambições da Austrália e dos EUA por se mostrar duro na defesa dos interesses de Timor quanto à exploração do petróleo existente nas suas águas territoriais. Com a formação de um novo partido encabeçado por Xanana e a tentativa de eleger Ramos Horta para a presidência, desenha-se o caminho para fazer cair Timor, económica e politicamente, nas mãos da Austrália e dos EUA. Seria demasiado mau para o povo timorense assim como para todos aqueles que solidariamente lutaram por um Timor livre e independente.

Mas a última palavra, como os resultados eleitorais de 9 de Abril indiciam, depende da capacidade que a Fretilin demonstrar para mobilizar o povo timorense na segunda volta do escrutínio, que terá lugar a 9 de Maio.

Ameaças terroristas do vice-presidente dos EUA

Mal Bush tomou a decisão de enviar mais tropas para o Iraque, o vice-presidente Dick Cheney veio a público reforçá-la de uma forma verdadeiramente terrorista. Em entrevista dada em Janeiro à cadeia de TV Fox News, Cheney afirmou sem reboço que, para os EUA, todos os meios são válidos para vencer a guerra, numa alusão evidente ao armamento nuclear, que os norte-americanos repetidamente ameaçam usar. Mais: Cheney venceu que o “erro mais fatal” para os EUA seria “fazer as malas e retirar” do Iraque. E, numa panorâmica sobre a guerra promovida pelos EUA, afirmou que o Iraque é apenas uma parcela de “uma guerra mundial” travada desde o Paquistão até à África do Norte. Esse conflito “vital” para os EUA, disse, ocupará “a nossa política” e “o nosso governo” durante os próximos 20, 30 ou 40 anos.

Se afirmações do género fossem feitas por responsáveis iranianos, ou palestinos, ou norte-coreanos, caía o Carmo e a Trindade. Não haveria comentador que não aproveitasse para assinalar mais essa “prova de terrorismo”. Mas como foi um líder norte-americano – silêncio. Não é espantoso que as autoridades portuguesas nem sequer esbocem um pedido de explicações ao governo norte-americano? Como é que o Governo, o PR, a Assembleia da República encaram a relação de Portugal com



uma potência que ameaça meio mundo das maiores violências?

Por vontade do imperialismo norte-americano teremos portanto guerra por várias gerações. Os EUA procuram, assim, responder com um reforço da violência militar ao fracasso político experimentado no Iraque e, de forma cada vez mais evidente, também no Afeganistão. Mas, do mesmo modo que os planos de uma passeata pelo Iraque se transformaram num pesadelo, o repúdio crescente das populações do mundo pelas agressões do imperialismo pode barrar o caminho à política expansionista dos EUA. Que isso é possível está à vista no Iraque. É preciso apenas não deixar os iraquianos sozinhos; e levantar, por todo o lado, um movimento activo de oposição popular à guerra. Entre nós o alvo é claro: forçar Sócrates a mudar de política, também nisto.

A comuna de Oaxaca

Neste estado do sul do México, a repressão de uma greve de professores deu origem a um poderoso movimento popular. Sob o impulso das mães de família, o governador Ulises Ruiz foi expulso, e a sede do governo, o parlamento, os tribunais, a televisão e a rádio foram ocupados pela Assembleia Popular dos Povos de Oaxaca. Perdido o controlo da cidade depois de uma sangrenta repressão militar e policial, o movimento não parou e luta agora por dois objectivos principais: a libertação dos presos e o castigo dos assassinos.

No 1.º de Maio de 2006, os sindicatos de professores apresentaram um petição ao governo local, exigindo melhores salários, melhoramentos nos edifícios escolares e recursos para os alunos. A resposta do governador foi gastar milhões de pesos numa campanha mediática a denegrir os professores e a afirmar que o ensino tinha tudo o que era preciso. Em 22 de Maio, os professores convocaram uma greve e organizaram um piquete de protesto, a que se uniram organizações indígenas e outras organizações populares.

As comunidades indígenas não têm saneamento básico, água potável, electricidade, estradas, escolas, centros de saúde.

População unida

Oaxaca é uma das zonas onde está a ser aplicado o Plano Puebla-Panamá – grande autoestrada que ligará as Américas do Norte e Central como parte de um projecto de desenvolvimento industrial das multinacionais, que implica a proletarianização dos camponeses, o saque de enormes recursos naturais e a destruição de grandes superfícies de floresta. Embora a educação gratuita seja garantida pela Constituição, as mães têm de pagar propinas de inscrição - por isso também se uniram aos professores nas suas reivindicações sociais e económicas.

A 2 de Junho, uma manifestação juntou 100 mil pessoas; cinco dias depois, outra, mais de 200 mil. Em 14 de Junho, o governador mandou dispersar o piquete pela violência. Houve mortos, crianças asfixiadas e mulheres a abortar com o gás lacrimogénico. A partir daí, a exigência principal dos populares passou a ser a expulsão do governador.

Assembleia popular

Entre 17 e 21 de Junho constituiu-se a Assembleia Popular dos Povos de Oaxaca (APPO), integrada por 365 organizações. Ruiz promoveu, em 22 de Junho, uma “contra-manifestação” de polícias, bufos e trabalhadores trazidos, ao engano ou sob ameaça, de todo o país: juntou 3 a 5 mil pessoas.

Em resposta, a APPO convocou uma nova manifestação: mais de um milhão de pessoas! Unificando diversos sectores da sociedade, a



APPO decidiu, em 26 de Julho, tomar os três poderes do estado: a Casa do Governo e a Secretaria das Finanças, a Câmara de Deputados e os tribunais criminais. Todos se empenharam em dividir entre si as diversas tarefas de organização da vida social, com destaque para as mulheres, que criaram a Coordenadora das Mulheres de Oaxaca. A 1 de Agosto, por sua iniciativa, foram tomados o Canal 7 (TV) e a rádio estatal, que passou a chamar-se Rádio Caçarola.

“Não me importo que os meus filhos percam as aulas, porque esta luta dá-lhes ensinamentos para toda a vida”, disse uma mãe camponesa. “Quando a mulher avança, não há homem que fique para trás. A repressão uniu-nos, e também a oportunidade de mudar de vida.”

A repressão endureceu. Em 21 de Agosto, vários assassinatos, centenas de prisões, com mulheres agredidas e violadas por polícias.

Novas manifestações

A 19 de Novembro centenas de mulheres voltaram à praça, apontando para os polícias espelhos onde haviam escrito “Sou violador, sou assassino”. Em 25 de Novembro, nova manifestação. O governo federal, com a ajuda de Ruiz, organizou grupos que incendiaram veículos e edifícios, e com esse pretexto reprimiram os manifestantes: 141 presos, entre os quais 34 mulheres a quem ultrajaram e raparam os cabelos. Novas manifestações em 10 e 17 de Dezembro, exigindo a libertação dos presos e a punição dos assassinos.

O movimento suscita apoios em todo o mundo, nomeadamente sob a forma de uma “greve mundial das mulheres” que já se estende a 13 países da Europa, das Américas e da Ásia.

Breves

Sinais de alarme

O ex-presidente do Banco Central dos EUA declarou que há uma hipótese em três de a economia norte-americana entrar em recessão até ao final do ano. Os sinais de alarme foram comprovados pela recente instabilidade em *Wall Street*, após a falência de fundos de empréstimo imobiliário. Com salários congelados e desemprego elevado, as famílias norte-americanas têm recorrido ao crédito e às duplas hipotecas. Agora que muitas famílias falham o pagamento das prestações, as empresas de crédito estão em risco. Os mercados financeiros asiáticos também estiveram em queda ao antecipar a crise norte-americana com consequências para as suas exportações.

Sérvia ilibada

A 27 de Fevereiro, o Tribunal Internacional de Justiça de Haia declarou a Sérvia inocente dos crimes de genocídio de que era acusada. O tribunal concluiu que o morticínio de Srebrenica (cometido na Bósnia, em 1995, durante a guerra na Jugoslávia) não foi mandado por Belgrado. O julgamento, que ocorria em paralelo, do líder sérvio Slobodan Milosevic foi suspenso em Março de 2006 com a estranha morte do arguido na prisão. Comentadores internacionais como Ruth Wedgwood, no *New York Times*, entendem que o veredicto de inocência da Sérvia iliba igualmente Milosevic dos crimes de que era acusado. A ligação entre estes factos reforça as suspeitas de que Milosevic terá sido assassinado.

Violino no metro

Joshua Bell, um dos mais famosos violinistas do mundo, tocou incógnito, durante 45 minutos, numa estação de metro de Washington, em hora de ponta, despertando pouca ou nenhuma atenção. Ninguém reparou que tocava com um Stradivarius de 1713, que vale qualquer coisa como 3 milhões de euros. A excepção foram as crianças que queriam parar para o escutar, algo que indicará que todos nascemos com poesia e que esta é depois, lentamente, sufocada dentro de todos nós. Três dias antes, Bell tinha tocado no Symphony Hall de Boston, onde os melhores lugares custam 100 dólares. O director da Galeria Nacional de Arte, não se surpreende: “A arte tem de estar em contexto. Se tirarmos uma pintura famosa de um museu e a colocarmos num restaurante, ninguém a notará”. Para outros, a experiência indica a “perda da capacidade de se apreciar a beleza”. Ou “isto não significa que as pessoas não tenham a capacidade de compreender a beleza, mas sim que ela deixou de ser relevante”.



24 de Abril Lisboa, L.g. do Carmo, 18-02h
Arraial popular promovido pela Associação Abril, para comemorar na rua e em festa os 33 anos do 25 de Abril.

27 de Abril, 3 e 11 de Maio, Porto
Associação Casa Viva, Pr. Marquês de Pombal 167, às 22h30.

Ciclo de filmes, começado a 23 de Março, numa iniciativa conjunta da "Casa Viva" e do núcleo do Porto do Tribunal-Iraque, para reflectir e debater a situação do Iraque. Última sessão, a 11 de Maio, às 21h30 – «Armas de Desinformação Maciça», de Danny Schechter, legendado em português. Uma conversa encerra o ciclo.

30 de Abril, Porto, Casa da Música, 21h30.
Concerto de José Mário Branco com obra nova. Repete em Lisboa, em data a anunciar.

12 de Maio, Lisboa, Ler Devagar, Rua da Rosa 145, 18h.

Crise crónica do capitalismo, de Tom Thomas, lançado em versão portuguesa pela editora Dinossauro na presença do autor e do tradutor.

16 de Maio, Ordem dos Arquitectos, Trav. do Carvalho 23, 21h.

Espaços da Memória, colóquio sobre a repressão e a resistência na cidade de Lisboa dos anos 40 ao 25 de Abril de 1974, com Nuno Teotónio Pereira, Irene Pimentel, Ruben de Carvalho, José Sarmento de Matos, José Bandeirinha e Helena Roseta.

Petição pelo Direito à Habitação, para entregar na Assembleia da República. Exige o cumprimento do artigo 65.º da Constituição. Está a circular e pode ser descarregada da Internet. www.plataformaartigo65.org.

13 a 15 de Julho, Lisboa, Pç. do Comércio.
Festa da Diversidade e da Igualdade de Oportunidades. Inserida no Ano Internacional pela Igualdade de Oportunidade. www.sosracismo.pt

Nas livrarias

Eis o pão, primeira novela de Vultos Sequeira, poeta operário, ed. Pé de Página.

Século passado, de Jorge Silva Melo, ed. Cotovia.

Ardinas da Mentira, de Renato Teixeira, ed. Dinossauro. Vários lançamentos pelo país – Lisboa, Coimbra, Porto e Braga – com iniciativas complementares de interesse.



Contamos com os leitores para o envio de informação sobre iniciativas populares de festa, reflexão, debate, luta. O dados devem chegar à redacção até ao dia 15 do mês anterior à publicação. Veja os contactos na página 2.

A Formação da Mentalidade Submissa

Livro de Vicente Romano, ed. Deriva, 2006

Neste livro (traduzido e prefaciado por Rui Pereira, autor de alguns bons trabalhos sobre comunicação social), Vicente Romano dá-nos uma arma indispensável para a compreensão dos mecanismos que forjam uma mentalidade submissa e denuncia incisivamente a manipulação, a censura e a violência – que pode nem ser a força bruta, mas apenas exercida através da fome, do desemprego e da desigualdade social. Manipulação, censura e violência efectiva e quotidianamente praticadas pelas classes dominantes nas sociedades capitalistas, ditas democráticas e de direito. O papel de grande parte dos homens da comunicação social (designados por Serge Halimi como os “novos cães de guarda do capital”), fica nítido na obra de Vicente Romano. Os médias, claro, censuraram-no por não lhes perdoarem que se atrevesse a denunciar quem lhes paga.



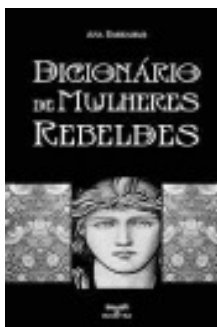
Dicionário de Mulheres Rebeldes

Livro de Ana Barradas, ed. Ela por Ela, 2006.

Segundo a autora, esta selecção de biografias tem “o intuito de celebrar o desejo de revolta, o espírito pioneiro, os feitos inéditos e criativos, a dinâmica subversiva, a fuga à norma... Mais do que o coleccionar de histórias passadas, servirá talvez de inspiração para percursos de vida futuros...”

Entre as sete centenas de biografias destacamos as de Alexandra Kollontai, Ângela Davis, Ana de Castro Osório, Albertina Diogo, Aida Paula, Catarina Eufémia, Aida Magro, Adelaide Cadete, Colélia Fernandes, Fernanda Paiva Tomás, Georgette Ferreira, Ivone Dias Lourenço, Julieta Gândara, Luísa Irene Dias Amado, Louise Michel, Maria Ângela Vidal, Maria Isabel Aboim Inglês, Maria Lamas, Maria Machado, Maria Alda Nogueira, Rosa Luxemburgo, Tina Modotti, Ulrike Meinhof e Winnie Mandela.

Quem percorrer o livro notará que, apesar da diversidade de opções, de combates, de formas de rebeldia, há um grande peso de mulheres operárias, comunistas e revolucionárias. O que o distingue de várias outras colecções de biografias nacionais e estrangeiras, onde geralmente predominam as mulheres ilustres das classes dominantes.



O Império da Vergonha

Livro de Jean Ziegler, ed. Asa, 2007.

Nascido na Suíça em 1934, Jean Ziegler é relator especial da Comissão de Direitos do Homem da ONU sobre o direito à alimentação. Neste livro, denuncia duas armas de destruição massiva usadas pelas multinacionais: a dívida e a fome. Pela dívida, os Estados perdem a soberania; e pela fome, os povos agonizam e renunciam à liberdade. A globalização, diz Ziegler, procede a uma refeudalização do mundo, privatizando tudo para que, depois, todos tenham que comprar às multinacionais. Mas uma nova revolução está em marcha, afirma o autor, contra o domínio dos “cosmocratas”. Só ela permitirá restabelecer o direito à felicidade para todos os povos.

Não é todos os dias que um alto funcionário da ONU fala tão cortantemente contra o sistema capitalista mundial. Aconselha-se a leitura – inclusive a Durão Barroso, António Guterres e Jorge Sampaio.

Zeca no topo

José Afonso, Movieplay



Boas notícias. O duplo CD antológico, editado em final de Fevereiro

para assinalar os 20 anos da morte de José Afonso, liderava, ainda em meados de Abril, a tabela de vendas de discos nacionais, à frente de Toni Carreira e Nelly Furtado. Recomendava-se vivamente.

Novos monstros

“A Bela e o Mestre”, TVI

A história clássica de a Bela e o Monstro – o encontro dos opostos, que o senso comum exclui – tem no programa da TVI “A Bela e o Mestre” uma versão perversa e degradada.

O esquema pueril – a mulher bonita e burra e o homem inteligente e sem charme – explora um preconceito velho de séculos, mas fá-lo através das situações mais desinteressantes e imbecis. Ninguém sai mais inteligente, nem mais culto (nem mais bonito) de um espectáculo destes – na linha, de resto, do que sucedia com o “Big Brother”, a Quinta das Celebidades e outros. Exemplo do mesmo género, a que as televisões deram relevo, foi a realização recente de uma *Feira da Mulher* que, pelos seus propósitos e conteúdos, melhor seria designar por feira das futilidades e do consumismo.

Não se dirá nada de novo se afirmarmos que as televisões, em geral, silenciam ou passam ao lado do desemprego, da exploração dos trabalhadores, da poluição, das guerras de agressão; que se especializam em informação manipulada; e que desprezam os espectáculos de qualidade. Sempre a pretexto de ir ao encontro dos gostos do público, que é um critério de costas largas.

Nisto tudo, aparecem sempre a dar aval umas pessoas tidas por esclarecidas, que, por dinheiro, por desejo de exposição, ou sabe-se lá porquê, colaboram de alma e coração nestas gritantes ofensas à inteligência dos espectadores.

Agressão ao Iraque condenada em vários locais do país

Por ocasião do 4.º aniversário da invasão do Iraque, ocorrida a 20 de Março de 2003, foram realizadas em pontos diversos do país (Lisboa, Porto e Évora) actos públicos de condenação da agressão norte-americana e de apoio ao povo iraquiano.

Três dezenas de organizações (entre as quais a CGTP, o Conselho da Paz e o Tribunal-Iraque) promoveram uma concentração em Lisboa, no Rossio, no dia 20. No manifesto tomado público é condenada a cumplicidade dos governos portugueses e exigido que Sócrates revogue a política seguida até agora de subserviência diante dos EUA e da NATO. Fazendo ver que é preciso “cumprir a vontade da maioria da população portuguesa”, sempre contrária à agressão, o texto expressa total apoio à resistência iraquiana e afirma a necessidade de “levantar um movimento de opinião pública activo contra a guerra”. Nesse sentido, exige que “nenhum apoio, nenhuma facilidade militar ou logística” sejam prestados “à política guerreira de Bush”.

O Attac realizou um debate na sede da Associação 25 de Abril, em Lisboa, na noite de dia 20, em que participaram Mário Soares, Freitas do Amaral e Ana Gomes. Apesar da atitude moderada do painel, registre-se a afirmação de que os crimes cometidos quer pelos autores directos quer pelos cúmplices não podem ficar impunes – implicando, portanto, Durão Barroso e Paulo Portas. Espera-se que das palavras se passe aos actos.

Ainda no dia 20, o Bloco de Esquerda convocou uma concentração no Chiado, em Lisboa, à mesma hora da concentração do Rossio, facto que deixou o público



sem perceber a razão de não se terem juntado todas as forças para o mesmo efeito; sobretudo sabendo-se como é fraco o movimento de rua contra as agressões imperialistas.

Na noite de 23, teve lugar, ainda em Lisboa, por iniciativa do Tribunal-Iraque, o concerto “Canções pelo Iraque”, que esgotou a sala grande do cinema São Jorge. Participaram, de forma empenhada com a causa, Camané, Fausto, Jorge Palma, José Mário Branco, Luís Represas, Paulo de Carvalho e Pedro Abrunhosa. Também Rui Veloso e Pacman deram apoio, só não tendo integrado o espectáculo por impedimentos de última hora. Rita Blanco e Jorge Silva Melo, como apresentadores, leram mensagens do professor Eduardo Lourenço e do professor norte-americano Noam Chomsky.

Encerrando esta semana de iniciativas, teve lugar na tarde de dia 24, na Casa do Alentejo, em Lisboa, um debate sobre a situação no Iraque e no Médio Oriente. O núcleo do Porto do Tribunal-Iraque promove, entretanto, um ciclo de cinema centrado na guerra do Iraque.

Norte-americanos contra a guerra

Quatro anos depois da invasão do Iraque, cresce a oposição à presidência de Bush e à continuação da guerra. Inquéritos indicam que o apoio ao presidente nunca foi tão baixo. A maioria dos norte-americanos considera hoje que a invasão do Iraque foi injustificada e errada.

A 17 e 18 de Março, em Washington, São Francisco e Nova Iorque decorreram manifestações que atraíram dezenas de milhares de pessoas. As palavras de ordem mais ouvidas exigiam a demissão do presidente e o regresso imediato das tropas. Apesar do descontentamento crescente, o movimento anti-guerra perdeu alento com a eleição de uma maioria do Partido Democrata para o Congresso que prometia pôr termo à guerra. A promessa não foi cumprida.

A maioria no Congresso votou a 23 de Março uma moção marcando o início da retirada das tropas para Setembro de 2008, mas aprovou ao mesmo tempo um orçamento suplementar de 124mil milhões de dólares para a guerra. Alguns congressistas votaram contra porque não queriam oferecer um apoio implícito à



continuação da guerra, e exigiram a retirada imediata. O presidente prometeu vetar a decisão do Congresso respeitante à data da retirada. Os poderes do Congresso estão limitados a votar o orçamento do governo e à demissão do presidente. Mas cortes no orçamento são improváveis, dado o argumento de que isso poria em perigo a vida dos soldados. Os democratas também não reclamam a demissão do presidente, porque preferem investir numa vitória nas eleições de 2008. Assim, apesar da oposição popular, a guerra vai continuar.

Tele-ranço

No final do programa da RTP “Os grandes portugueses”, todos os protagonistas (excepto a indignada Odete Santos), tentaram desdramatizar a vitória de Salazar – tinha sido “apenas um jogo”. Fraca consolação. O fascistoíde Nogueira Pinto, advogado dos méritos do ditador, assumiu um perfil modesto. De facto, a missão estava cumprida: apresentar Salazar como estadista, patriota, homem competente e simples. Tudo menos ditador, responsável pelos mortos às mãos da polícia política, ou culpado de 13 anos de guerra colonial. Voto de protesto contra o regime actual (como avançou outro fascistoíde, Rosado Fernandes)? Se foi, é bom lembrar que o regime actual é o que nos impuseram (Rosado Fernandes incluído) a partir de Novembro, faz 33 anos. No balanço, foram seis meses de propaganda reaccionária, não apenas pelo caso Salazar mas por todo o ranço patrioteiro, colonial, que destilou dos ecrãs. Unidas pelo mesmo fervor, não se distinguiu a esquerda da direita (Cunhal e Sousa Mendes à parte). Reis, navegadores, conquistadores, poetas foram alidados – de Ana Gomes a Paulo Portas – com os clichês da mitologia nacionalista mais rasteira. E sempre que afloraram as barbaridades cometidas pelos “heróis”, logo vinha o argumento de que “na época era assim”. Falavam dos dominadores, claro...Então e os dominados – os escravos, as mulheres violadas, as crianças raptadas, os camponeses desaposados, os povos colonizados – satisfaziam-se com esse argumento? Aqui reside o reaccionarismo do programa. Em querer considerar “de todos nós” valores supostamente de ontem. Em querer fazer passar por “História”, uma visão colonial das relações entre os povos que é de hoje – e que, por exemplo, serve ao poder para apoiar as guerras de Bush; e à direita para perseguir os imigrantes.

DITO

Quando a ordem é injusta, a desordem já é um começo de justiça
Romain Rolland